

FORMAÇÃO CONTINUADA: TRILHANDO CAMINHOS, CONSTRUINDO SABERES NA PRÁTICA ALFABETIZADORA

Estegite Carvalho Leite Moura ¹
Francisca Maria dos Santos Sinimbu ²
Maria Aurilene da Silva ³
Maria de Oliveira Sousa ⁴

Introdução

Um dos grandes desafios do professor alfabetizador é pensar em atividades significativas para atender a heterogeneidade da turma e relacioná-las ao desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, em um processo de alfabetização em que o aprendiz é conduzido a apropriar-se simultaneamente do código escrito e do letramento.

Não obstante, o desafio de alfabetizar, o professor depara-se com entraves outros que impossibilitam a alfabetização dos alunos no período estipulado – 1ª, 2ª e 3ª etapa do 1º bloco, configurando, assim, numa grande demanda de alunos que percorrem todas as etapas do ensino fundamental sem saber ler e escrever.

Ciente dessa realidade e da necessidade de implementações de ações que venham mudar esse quadro, defendemos que é necessário uma parceria no sentido de apoiar os professores na realização de sua prática pedagógica, visando contribuir para o aprimoramento desta e para o melhor desempenho da aprendizagem dos alunos.

Partindo dos resultados evidenciados nas avaliações externas realizadas desde 2004 em que diagnosticaram baixo desempenho da aprendizagem dos alunos nas habilidades de leitura e escrita e da reivindicação dos professores por maior apoio pedagógico por parte da Secretaria, propomos a realização de um projeto de formação continuada que buscasse oferecer estratégias eficazes para a condução do processo de ensino da leitura e da escrita.

Esse projeto de formação continuada consiste num ponto de partida para uma prática consciente em que se busca formar professores pesquisadores e aprendizes numa dimensão pessoal vinculada ao coletivo e ao institucional por meio de estudos e reflexões.

Um ponto de partida que vem “amadurecendo” a cada ano, iniciamos com a implementação e execução dos programas de formação do MEC, sentimos a necessidade de elaborar um projeto de formação que atendesse nossa realidade específica, surgiu o ciclo de oficinas de alfabetização, do ciclo, um projeto de apoio pedagógico específico voltado para alunos em nível pré-silábico nas turmas de 2ª e 3ª etapa do 1º bloco que corresponde a 1ª e 2ª série do Ensino Fundamental.

Assim, a partir da experiência teórica e prática adquirida na implementação e execução do Programa de Formação de Professores Alfabetizadores – PROFA – dos Parâmetros Curriculares em Ação – PCN em Ação – e do Programa de Apoio a Leitura e Escrita – PRALER - elaboramos um projeto de formação, visando assegurar condições que tornem a prática do professor mais sólida e consistente através da vivência de estratégias formativas que privilegiem a reflexão crítica.

Preocupadas em explorar os saberes necessários que integram a prática pedagógica do professor alfabetizador encontramos no Programa de Formação de Professores Alfabetizadores – PROFA – apoiado em Ferreiro, Weisz, Soares, Verdiani, Smith, dentre outros., contribuições importantes sobre a natureza do ensino e da aprendizagem da língua escrita.

Desde a década de 90, a formação de professores tem assumido orientações conceituais que buscam novos enfoques e paradigmas cujo interesse converge para a valorização do papel do educador.

Assim, paralelamente ao protagonismo que os professores assumem neste processo de inovação, passando a exercer um papel ativo na condução do processo de ensino e aprendizagem e no seu próprio processo formativo, paulatinamente, foi se introduzindo as contribuições de pensadores como Nóvoa, Alarcão e Schön acerca do professor reflexivo, concepção de formação continuada que elege a pesquisa como princípio educativo, atribuindo-lhe finalidade didática ou como prática mobilizadora de reflexão sobre o trabalho docente.

Pimenta (2002), contribuindo com essa temática afirma que as implicações dessa concepção de formação continuada aponta como saldos positivos a valorização dos processos de produção do saber docente a partir da prática e a valorização da pesquisa como instrumento de formação.

Em perspectiva semelhante, Candau (2002), defende que as propostas de formação continuada devem ter como ponto de partida os saberes construídos pelos professores ao longo da carreira. Dessa forma, entendemos que os professores

constroem saberes, saberes estes que nascem do embricamento, do diálogo entre o conhecimento que se constrói na prática e o conhecimento científico.

O Projeto de Formação Continuada que será analisado defende a concepção de formação do professor pesquisador, do professor que toma a sua prática como objeto de reflexão num movimento de – ação – reflexão – ação, que se caracteriza pela construção por parte dos profissionais de “[...] um repertório de experiências que mobilizam em situações similares (repetição), configurando um conhecimento prático. Estes, por sua vez, não dão conta de novas situações, que colocam problemas que superam o repertório criado, exigindo uma compreensão de suas origens, uma problematização um diálogo com outras perspectivas, uma apropriação de teorias sobre o problema, uma investigação, enfim” (PIMENTA, 2002, p.20).

Defendemos ainda, que é essencial auxiliar os professores a tornar o conhecimento mais acessível ao aluno. Nesta ótica, Perrenoud, ao referir-se a transposição didática, cita Chevallard afirmando que ensinar pressupõe construir “artesanalmente os saberes tornando-os ensináveis, exercitáveis e passíveis de avaliação no quadro de uma turma, de um ano, de um horário de um sistema de comunicação e trabalho” (p. 25).

Nessa perspectiva, é fundamental que o professor tenha domínio do objeto de conhecimento, das habilidades didáticas e conheça o sujeito da aprendizagem. Em se tratando de alfabetização, o professor deve dominar os conteúdos de Língua Portuguesa a serem ensinados, as formas de ensinar para garantir de fato a aprendizagem e deve ainda ter conhecimento dos processos de aprendizagem dos alunos.

Considerando os tipos de saberes necessários ao professor, é fundamental refletir com estes sobre as estratégias didáticas, procurando estabelecer conexões com os saberes a serem ensinados e os saberes sobre os processos didáticos “que permitem uma adequada intervenção entre o sujeito que aprende e o que é objeto de seu conhecimento” (Guia do formador, Mód. II, PROFA, p. 26).

Alfabetização

Antes de prosseguir com a análise desta experiência, parece-nos conveniente esclarecer a concepção de alfabetização que fundamenta nosso projeto de formação, enfatizando alguns aspectos das discussões atuais em torno do processo de aprendizagem da língua escrita.

A alfabetização é uma temática que vem sendo amplamente discutida sob os mais variados prismas e enfoques, coexistindo, por um lado, abordagens tradicionais “que concebem a escrita exclusivamente como um código de transcrição gráfica de sons, desconsiderando os saberes que as crianças constroem antes de aprender formalmente a ler” (Documento de apresentação do PROFA, p. 8), e por outro, abordagens sócio construtivistas que “partem do princípio de que a língua escrita é complexa e que deve ser oferecida por inteira para os alunos, articulada aos usos e funções que esta assume socialmente” (Coletânea de Textos do mód. I - PROFA - M1U2T5).

Soares (2004), referindo-se a essa mudança conceitual no campo da alfabetização ocorrida nas três últimas décadas e o reconhecimento da necessidade de nomear as práticas de leitura e de escrita mais avançadas e complexas que as práticas do ler e do escrever resultantes da aprendizagem do sistema de escrita, “defende a especificidade do termo alfabetização e, ao mesmo tempo, a indissociabilidade desses dois processos – alfabetização e letramento, tanto na perspectiva teórica quanto na perspectiva da prática pedagógica” (p. 5).

Na análise de Soares (2004), alfabetização é “entendida como um processo de aquisição e apropriação do sistema da escrita, alfabético e ortográfico” [...] e letramento refere-se “à etapa inicial da aprendizagem da escrita, como a participação em eventos variados de leitura e de escrita, e conseqüentemente desenvolvimento de habilidades de uso da leitura e da escrita nas práticas sociais que envolvem a língua escrita e de atitudes positivas em relação a essas práticas” (p. 16)

Nesse sentido, entendemos que a alfabetização é um processo amplo que abrange a construção simultânea do código, a aprendizagem do sistema alfabético e da linguagem escrita. Portanto, alfabetização e letramento são duas interfaces da aprendizagem e não devem estar desarticuladas.

Metodologia

Embora esta experiência de formação já venha sendo desenvolvida desde 2004, nos limitaremos a analisar apenas a que se refere ao ano de 2006, mas especificamente ao Projeto de Apoio Pedagógico Específico denominado APE - Laboratório de Aprendizagem.

A ampliação do universo de conhecimentos e a reflexão sobre a prática do professor requerem a criação de um contexto favorável. Visando a construção desse

ambiente, estruturamos a formação em etapas. Inicialmente, conta com a sensibilização para a implantação e avaliação diagnóstica; no desenvolvimento, atividades de intervenção, acompanhamento pedagógico e realização de encontros presenciais quinzenais com duração de 4 (quatro) horas, abrangendo 17 (dezesete) professores, cuja atuação concentra-se na 2ª, e 3ª etapas do 1º bloco, o que corresponde as turmas 1ª e 2ª séries do Ensino Fundamental, remanescentes de 13 escolas (urbanas e rurais).

Atividades desenvolvidas no projeto

Para as atividades de intervenção, conta-se com o apoio pedagógico das formadoras e pedagogas e com uma coletânea com sugestões de atividades elaboradas de acordo com a matriz de habilidades de leitura e escrita detectadas como deficitárias na avaliação diagnóstica. Dessa forma, para cada habilidade são selecionadas diferentes atividades observando o grau de complexidade.

As atividades da coletânea não obedecem a uma rigorosa seqüência e nem se constitui como um conjunto inflexível. O professor deve selecionar, adaptar e utilizar as atividades de acordo com a conveniência e os objetivos estabelecidos, na seqüência que considerar mais adequada, já que esse material destina-se a apoiar o professor, servir como um recurso a mais, um material de consulta.

Visto que a intervenção opera-se não no recurso material utilizado, mas no “fazer pedagógico” do professor, no direcionamento que ele atribui a atividade e para tanto é necessário o apoio pedagógico das formadoras e pedagogas, encontros de formação e, principalmente, o olhar diagnóstico contínuo do professor no desenvolvimento da aprendizagem de seus alunos, a sensibilidade do professor para detectar os obstáculos que entram o caminho de seus alunos rumo ao conhecimento.

As temáticas dos encontros pedagógicos foram estabelecidas, inicialmente, a partir dos resultados da avaliação diagnóstica dos alunos, e posteriormente, pautadas nas dificuldades detectadas na sala de aula pela formadora e professora durante o acompanhamento pedagógico; na avaliação e auto-avaliação das professoras e formadoras a cada encontro.

Dessa forma, a pauta de cada encontro é construída em parceria, no processo reflexivo que prima pela valorização do conhecimento prévio do professor, suas

dificuldades quanto o estabelecimento da relação teoria e prática, assim como, o respeito às particularidades da realidade de cada escola.

De modo geral, a proposta dos encontros contempla o planejamento de atividades desafiadoras de alfabetização, considerando o nível de conhecimento real dos alunos; leitura e análise de diferentes gêneros textuais apropriados para a faixa etária, planejamento de intervenções adequadas e avaliação.

Para a construção das competências profissionais almejada, no planejamento enfoca-se a elaboração de situações didáticas, as intervenções necessárias para implementação das atividades, as possíveis adaptações de acordo com as particularidades de cada sala de aula.

As atividades de leitura são desenvolvidas com diferentes objetivos, visando a ampliação do repertório cultural; conscientização do papel do professor-leitor como referência de leitor para os alunos; aprofundamento teórico e dinamização de estratégias de leitura.

Na escola, os alunos são atendidos diariamente, no horário regular, por um período de 2 horas, durante um período mínimo de 02 meses. Durante esse horário, os alunos participam de situações intensivas, voltadas especificamente para as questões relativas à alfabetização.

O acompanhamento sistemático dos professores por parte das formadoras, ocorre quinzenalmente, nos turnos manhã e tarde, visando apoiar as professoras na execução do planejamento, fortalecendo a prática pedagógica, a relação teoria e prática, e principalmente, a reflexão sobre as dificuldades e acertos na transposição didática.

Objetivos visados no desenvolvimento do processo de formação

Considerando as ações que já haviam sido desenvolvidas em alfabetização até o momento, este projeto de formação continuada privilegiou o trabalho com as habilidades de leitura e escrita referentes às séries que compõem o 1º bloco por estas estarem mais voltadas ao processo inicial de aprendizagem tanto do código quanto da apropriação da linguagem que se escreve, enfocando os aspectos discursivos da língua quanto ao processo de formação voltado para fundamentação teórica, análise de atividades, planejamento dentre outras ações.

Assim, os objetivos foram:

- . Discutir as habilidades de leitura e escrita, avaliação e fichas de acompanhamento.
- Analisar atividades, categorizando-as de acordo com as habilidades em estudo.
- Discutir sobre as hipóteses de escrita e agrupamentos.
- . Planejar situações de aprendizagem de acordo com as habilidades focadas.
- Elaborar atividades a partir de gêneros variados, contemplando as habilidades discutidas.
- Elaborar atividades a partir de jogos e brincadeiras, contemplando as habilidades de leitura e escrita na alfabetização.
- Refletir sobre a prática pedagógica através de leituras e vivência de situações didáticas.
- Avaliar o processo de ensino-aprendizagem no 1º semestre de implantação do projeto.

Avaliação

O projeto de formação concebe a avaliação como uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente que deve acompanhar passo a passo o processo de ensino e aprendizagem; uma reflexão sobre o nível de qualidade do trabalho escolar tanto do professor quanto dos alunos; um componente do processo de ensino que cumpre funções pedagógico-didáticas, de diagnóstico e de controle.

Através dela, os resultados que vão sendo obtidos no decorrer do trabalho conjunto do professor e dos alunos são comparados com os objetivos propostos, a fim de constatar progressos, dificuldades e reorientar o trabalho para correções necessárias.

Diante do exposto, a avaliação no projeto de Apoio Pedagógico Específico configura-se como norte para o direcionamento das atividades quanto a execução, planejamento e replanejamento, assim, avaliar o processo e os sujeitos envolvidos é primordial nas várias etapas do trabalho, seja antes, durante e ao final.

Nessa perspectiva, na implementação do trabalho é promovida a avaliação diagnóstica, elaborada a partir das habilidades selecionadas. No dia-a-dia da professora em sala de aula a avaliação está presente, além dos meios tradicionais, na observação do desempenho aluno durante a realização das atividades. Ao final, de cada período

estipulado é realizada uma avaliação com o objetivo de observar o impacto do trabalho desenvolvido.

Dessa forma, a avaliação fornece subsídios para planejamento semanal e diário, considerando as dificuldades percebidas e para as intervenções imediatas, através de questionamentos, pedindo ao aluno que explique como chegou àquela resposta, instigando-o a refletir sobre o que ele fez e qual seria a resposta correta numa determinada atividade.

Outras características do projeto

A sala de apoio é uma extensão da sala de aula com um direcionamento voltado para o desenvolvimento de habilidades específicas de alfabetização, visando favorecer o processo ensino-aprendizagem do aluno. Assim num espaço alternativo, com professores voltados para a tarefa de alfabetizar, busca-se garantir a igualdade de oportunidades para alunos, que sem o zelo e compromisso da Escola estariam fadados a uma história de reprovações e uma baixa auto-estima.

Uma das particularidades desse projeto é a rotatividade dos alunos, as crianças inscritas no APE – Laboratório de Aprendizagem ao adquirirem as habilidades necessárias para o domínio da leitura e da escrita retornam a freqüentar, somente, a sala de aula regular.

O aluno ao desvincular-se da sala do APE - Laboratório de Aprendizagem necessita de atenção da professora da sala regular para que continue progredido no processo de aquisição da leitura e da escrita.

Para tanto, professoras e pedagogas precisam conhecer o objetivo, a estrutura e a dinâmica do programa. Nessa perspectiva, nos encontros de formação e durante os acompanhamentos é solicitada a participação tanto da pedagoga como das professoras. Acredita-se que quando todos falam a mesma linguagem e comungam de um mesmo objetivo as possibilidades de êxito tornam-se significativamente maiores.

Conclusões

O trabalho desenvolvido proporciona um novo olhar do professor no processo de alfabetização, torna-o seguro quanto aos objetivos do trabalho que realiza, suas convicções e o caminho que deve percorrer para alcançar seus objetivos.

Esse novo olhar contribui para a sensibilização do professor sobre a importância da reflexão do “fazer pedagógico”; para a definição dos objetivos e seleção das atividades que devem desenvolver para alcançá-los. Isso, num processo de avaliação que abrange a atuação didática do professor, o sujeito da aprendizagem (o aluno) e o sujeito do conhecimento.

As atividades desenvolvidas oportunizaram aos professores estabelecer a conexão entre a tematização de sua prática e o seu “fazer pedagógico”, num movimento cíclico em que se tematiza, confronta-se, desenvolve-se e avalia-se a prática.

Outra importante mudança observada na postura do professor foi a conscientização sobre a mudança da elaboração de um planejamento que dê conta da heterogeneidade dos alunos, valorizando os diferentes níveis de conhecimento do educando.

No confronto da teoria e prática, o professor constatou que na sua ação pedagógica, já trabalhava de acordo com as habilidades, porém não as relacionava coerentemente com as situações didáticas.

Apesar das mudanças observou-se através da avaliação e do acompanhamento pedagógico a necessidade de conquistar a parceria das famílias e de todas as professoras da sala de origem dos alunos contemplados no projeto; a garantia de permanência na sala do APE do mesmo professor e lotação de professores efetivos na sala da APE para se evitar a alta rotatividade de professores.

A despeito dos ajustes que percebemos como necessários para atingir os objetivos almejados, neste processo, contabiliza-se um avanço considerável na aprendizagem dos alunos, o que representa no início do projeto um total de 100% de alunos pré-silábicos para 13% de alunos pré-silábico ao final de 3 meses.

Percebe-se após um balanço entre conquistas e desafios que os avanços devem-se, em parte, ao compromisso, à credibilidade e à competência das professoras e pedagogas do APE. Embora com pouca expressividade contamos também com a parceria família e escola, que timidamente demonstrou a satisfação com o desempenho de seus filhos no programa.

Referências bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. *Programa de Formação de Professores Alfabetizadores PROFA*. 2001.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. *Programa de Formação de Apoio a Leitura e Escrita*. PRALER. 2004.

CANDAU, Vera Maria. *Formação continuada de professores: tendências atuais*. In: REALI, Maria de M. MIZUKAMI, Maria das Graças Nicoltti (Orgs.). *Formação de professores: práticas pedagógicas e escolas*. São Carlos, EdUSFCar, 2003, p. 140-152.

PERRENOUD, Philippe. *Práticas de pedagógicas e profissão docente: três facetas*. In: *Práticas pedagógicas profissão docente e formação: perspectivas sociológicas*. Nova enciclopédia.

PIMENTA, Selma Garrido. *Professor reflexivo: historicidade do conceito*. In: PIMENTA, Selma Garrido e GHEDIN, Evandro (Orgs.). *Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito*. 2 ed. São Paulo, Cortez, 2002. p.17-52.

SOARES, Magda. *Letramento e alfabetização: as muitas facetas*. Revista Brasileira de Educação. São Paulo. Nº 25, p. 5-17, Jan/abr., 2004.

